

O sotaque brasileiro

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Carlos Alberto Sofreddini, autor de *Pássaro do poente*, foi um dos 20 artistas e intelectuais brasileiros agraçados na semana passada com uma bolsa da Fundação Vitae. Acompanhado dos 11 atores do grupo Estepe, ele terá um ano para escrever um texto teatral que pretende recuperar o melodrama brasileiro de raízes circenses.

Sobrecarregado com o andamento deste projeto e também dirigindo duas peças de sua autoria no Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo — a segunda montagem de *Na carreira do divino* e a adaptação da *Farsa de Inês Pereira*, que recebeu o nome de *Mais quero um asno que me carregue que um cavalo que me derrube* —, ele não participará da estréia do grupo paulistano Ponka no Rio de Janeiro. Depois de entregar o texto de *Pássaro do poente*, especialmente encomendado pelo grupo, ele se surpreendeu com o revestimento oriental dado pelo Ponka ao seu trabalho, “de características marcantemente brasileiras”. Mas não há queixas:

— A adaptação do Ponka é exce-

lente e acho até benéfico que durante a montagem o texto ganhe novas dimensões — diz Sofreddini. Mas a simbologia do pássaro que se transforma em ser humano para expressar gratidão não aparece só em lendas japonesas como a Yuruzu, segundo ele, mas também no folclore indígena brasileiro.

Aos 48 anos, aparentando muito menos, Carlos Alberto Sofreddini, ao contrário de Mário de Andrade, não se gaba de nunca ter saído do Brasil. Profundo conhecedor das raízes brasileiras, nem por isso ele desliga suas curiosas antenas do imaginário popular do resto do planeta.

Embora só tenha ficado conhecido depois do estrondoso sucesso de *Na carreira do divino* (1979), uma singela homenagem ao caipira, que ficou mais de um ano em cartaz em São Paulo, ele não se considera propriamente um “caipirista”. Mas foi por causa dessa fama, que o persegue desde então, que o cineasta André Klotzel o chamou para escrever o roteiro de *Marvada carne*, há quatro anos (o enredo do filme é uma adaptação de *Na carreira do divino*).

Com a intenção de resgatar a poética embutida na linguagem popular, e não apenas reproduzir a fala do povo, Sofreddini já escreveu radio-

novelas apresentadas em mais de 200 emissoras do Brasil, mas desconhecidas no Rio e em São Paulo. Santista, dois casamentos desfeitos, duas filhas e duas netas, ele não tem saudades dos tempos de professor de literatura do Colégio Canadá, em Santos. “Eu não queria ensinar, mas escrever,” descobriu.

Em 1968, veio para São Paulo cursar a Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo (USP), na turma de Ney Latorraca e Ester Góes, com um objetivo diferente dos colegas: “Conhecer a vivência do ator para poder escrever peças de teatro.” Como ator, só participou de duas montagens do Estúdio São Pedro: *O interrogatório*, de Peter Weiss, dirigida por Celso Nunes, e *Cândido*, de Voltaire, adaptada e dirigida por Miriam Muniz. Antes de criar o núcleo Estepe, ele ainda participou, como coordenador, do Grupo Mambembe, extinto há dois anos. Mas no momento, Sofreddini só tem uma idéia fixa: deixar passar o Carnaval pra botar o bloco do Estepe o ano inteiro na avenida. Até o final do ano, graças à Bolsa Vitae, talvez o público brasileiro seja premiado com um texto da mesma qualidade de *Pássaro do poente*.



Sofreddini, autor de Pássaro do poente ficou surpreso com o revestimento oriental dado pelo grupo ao seu texto, “de características marcantemente brasileiras”